

Coluna do Castello

Instinto político é que comanda Sarney

Até aqui nenhuma pedra se moveu no governo Sarney sem que a partida fosse dada pelo presidente. Com habilidade política que tem surpreendido seu assessor Thales Ramalho, o chefe do governo movimenta as peças ao sabor das suas decisões íntimas, ainda que isso não pareça evidente. Seja qual for a inspiração das iniciativas de Sarney, muitas vezes influenciadas por pessoas do seu círculo íntimo, dentre as quais se distingua seu ex-secretário particular Jorge Murad, a ele cabe dar o impulso para obter os resultados que deseja. Ele pode não ter atraído para o governo quem queria, mas certamente quem saiu atendeu a uma decisão, ainda que não formulada expressamente, do presidente. Essas observações são válidas também para o episódio da saída voluntária de Murad da secretaria particular. Não lhe faltou consideração nem foi tratado ingratamente, tanto que poderia permanecer no governo no cargo que escolhesse, por exemplo, a presidência da Caixa Econômica, mas já não poderia ficar no Palácio do Planalto.

Murad não parece contrariado com as tendências da reforma administrativa, que desejaría mais ampla, nem com as mudanças da política econômico-financeira, que apontam no rumo das suas ações pela iniciativa privada, a desestatização, a internacionalização da economia e outros. Mas desde que a figura do ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães apontou como a de um dos inspiradores da mudança, isso funcionou como dado para que percebesse um certo desconforto com sua permanência no primeiro plano do sistema decisório. Raphael deixara o governo atritado com Murad, Saulo Ramos e Antônio Carlos Magalhães, o triângulo mais influente naquela época. Desde que o ex-ministro voltou à intimidade do poder, Saulo, falando pelos outros, deu sinais de descontentamento e antecipou a decisão de sair.

Claro que o ministro Antônio Carlos Magalhães tem razões políticas a inspirar suas atitudes. Ele fica no governo enquanto não sentir diretamente atingida sua autonomia na pasta, nem abalada sua influência junto ao presidente da República. Suas razões diferem das dos outros dois e ele continua juiz de um jogo no qual entrou com suas peças próprias. Mas o fato é que, enquanto Sarney ficou ilhado



nas suas conversas com Raphael, teve seus acessos bloqueados aos demais membros do governo. Ele tomava decisões que poderiam sacrificar a todos e, se não o fez, terá sido pelas razões da conjuntura nacional e não pelas opções de governo. O ministro das Comunicações sobreviveu às circunstâncias e volta a ser juiz da sua própria decisão. Murad entendeu as mudanças psicológicas e saiu. Saulo Ramos, idem, mas não sai por não ter problemas da mesma natureza e, embora percebendo a redução da sua influência, é grato e reconhecido ao seu amigo presidente.

Para que se entenda melhor os movimentos de Sarney, convém lembrar o que se passou quando ocorreu a demissão dos ministros Renato Archer, Raphael de Almeida Magalhães e Celso Furtado. Até então, Sarney tentara preservar a colaboração de Archer no seu governo, mas a partir de certo momento irritou-se com as atitudes do ministro e decidiu estimular seu pedido de demissão, que finalmente ocorreu e foi aceito. Raphael e Furtado saíram na mesma ocasião, mas não era intenção sacrificá-los também. Houve o que os juristas chamam de "efeito preterintencional". Ao voltar a conversar com o presidente, Raphael ouviu dele a queixa de que sumira. "Sumiu como, presidente, se foi você quem me demitiu?" No espírito de Sarney não figurava a idéia de sacrificar o ministro da Previdência, mas seu objetivo, que era a saída de Archer, foi alcançado de qualquer forma.

Não convém relembrar outros movimentos ocorridos no mesmo estilo, mas que não deixaram a mesma marca. Mas quem se interessar pelo tema pode seguir o mesmo roteiro.